

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

JÚLIO CEZAR DE JESUS MONTEIRO

ENCARNAÇÃO: PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO E DIVINIZAÇÃO

ANÁPOLIS - GO  
2020

JÚLIO CEZAR DE JESUS MONTEIRO

ENCARNAÇÃO:  
PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO E DIVINIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Me. Pe. Carlos Bernardes.

ANÁPOLIS - GO

2020

# FOLHA DE APROVAÇÃO

JÚLIO CEZAR DE JESUS MONTEIRO

ENCARNAÇÃO:

PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO E DIVINIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Me. Pe. Carlos Bernardes com nota avaliativa:

Data da aprovação:

### **Dedico**

Esse trabalho a todos que percebem a centralidade da vida no Verbo encarnado, e N'ele descobrem a cada dia o verdadeiro sentido de viver.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar pela graça da vocação, e por me dar forças para seguir em frente,

Agradeço a todas as pessoas que foram para mim neste tempo de formação exemplos de vida, as pessoas, as pessoas que me ensinaram que o estudo é uma bela forma de chegar a Deus, e de levá-lo a outras pessoas. Agradeço ao meu pai Sidney Monteiro, que mesmo não sendo uma pessoa aberta a religiosidade me ensinou a sonhar, a minha mãe, Beatriz Maria de Jesus por todo o apoio, e dedicação para que eu continuasse firme nos meus estudos. Por ter me ensinado a realizar os meus sonhos tendo sendo um olhar fixo e coerente na realidade que me circunda, e que a vocação exige uma resposta amorosa e coerente dia após dia, aos meus colegas de turma que foram se tornando aos poucos participantes da minha história e aos professores que me ajudaram a dar passos em direção de uma boa vida acadêmica.

Agradeço de coração a Dom Alberto que ao longo dos últimos anos me acolheu e incentivou a continuar a caminhada tendo um profundo amor pela humanidade, me ajudando a perceber que Deus quer tocar em minha humanidade e agir através dela.

Agradeço a comunidade Canção Nova, por investir em minha vocação e dar o suporte comunitário e espiritual para que eu pudesse finalizar essa etapa tão importante na minha formação. Ao Monsenhor Jonas Abib, por ser um exemplo vivo de homem de Deus, que me acolhe e ensina-me a ser também um homem de Deus, um homem profundamente apaixonado por Cristo.

E por fim agradeço a Faculdade Católica de Anápolis, por me possibilitar a dar mais uma passo na minha etapa formativa para um maior crescimento na vida acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa mostrar que a encarnação gera no homem o processo de humanização e divinização, sendo a encarnação a ação salvífica de Deus. O homem em Adão perde a sua intimidade com Deus, em Cristo esta intimidade é restaurada, pois Cristo vive em si, a união perfeita do humano com o divino.

O presente trabalho vai apresentar o homem imago Dei a perda do relacionamento, e o retorno do homem a Deus, tendo como mediador o Cristo Verbo encarnado, a encarnação humaniza o homem que se afastando de Deus, afastou-se de si mesmo, e o diviniza ao levá-lo a profunda intimidade com Deus. Tornado a dimensão humana porta para se chegar a Deus.

Palavras-chave: Encarnação, humanização, divinização, verbo, Cristo, criador, imagem, semelhança.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 – O HOMEM CRIADO POR DEUS.....</b>	<b>09</b>
2.1 O HOMEM IMAGEM DE DEUS.....	09
2.1.1 O Homem Imago Dei Criado Para O Relacionamento Com Deus.....	10
2.1.2 O Pecado Original: Quebra Da Relação Com Deus.....	11
<b>3 – ENCARNAÇÃO: O HUMANO E O DIVINO ENTRE NÓS.....</b>	<b>16</b>
3.1 O VERBO SE FEZ CARNE E HABITOU ENTRE NÓS.....	16
3.2 Teologia De Paulo Sobre A Encarnação.....	18
3.2.1 A Compreensão Da Encarnação Do Verbo Nos Primeiros Concílios.....	20
<b>4 – HUMANIZAÇÃO E DIVINIZAÇÃO AÇÃO SALVÍFICA-REDENTORA.....</b>	<b>35</b>
4.1 A HUMANIZAÇÃO POR INTERMÉDIO DE JESUS: O HOMEM VERDADEIRO, ARQUÉTIPO DE TODA A HUMANIDADE.....	35
4.1.1 O Verbo Encarnado E A Divinização Do Homem.....	36
4.1.2 – Divinização No Verbo: Nossa Filiação.....	38
4.1.3 – Morte E Ressurreição: Ápice Do Processo De Humanização E Divinização.....	40
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa abordar a questão da encarnação e o processo de humanização e divinização que o Verbo encarnado gera no ser humano. Ele torna o homem “capaz de Deus” (CIC, 2000, nº 27), mostra a verdade do próprio homem, de onde ele veio e para onde ele deve ir. Elevando o seu ser criatural, à dignidade de filho de Deus, a encarnação nos conduz a salvação através da humanização e da divinização que é gerada em nós através da vinda de Deus que assume o homem, e da abertura do homem ao verbo encarnado como resposta a Deus. O Verbo encarnado é o modelo supremo da humanidade.

Buscarei mostrar nesse trabalho o que o Verbo encarnado gera na humanidade, a humanização e divinização, esse processo é a ação salvífica de Deus criador na humanidade, sua obra criada. Deus tem o desejo de salvar o homem que se distanciou em Adão, e agora só pode voltar tendo um mediador, que perceberemos ao longo do trabalho que é o Cristo Verbo encarnado.

A encarnação nos ensina a valorizar não apenas o divino, mas também, a perceber a dignidade do humano, dignidade essa, que é alcançada por Cristo e em Cristo. Perceberemos que ao longo da história da Igreja, a grande dificuldade acerca da compreensão da encarnação era a questão da humanidade de Jesus, e a união do humano com o divino.

Perceberemos que os concílios cristológicos nos deram a bases da cristologia que temos hoje e a possibilidade de perceber a dignidade humana a partir de Cristo Verbo encarnado.

O presente trabalho está compreendido em três capítulos: no primeiro capítulo abordarei a antropologia teológica, o “*homem imago Dei*”, e o seu relacionamento com Deus, bem como a questão da queda e o seu distanciamento de seu criador. No segundo capítulo, a questão cristológica no que toca a encarnação do Verbo, trabalharei a compreensão dos primeiros cristãos a respeito do Verbo encarnado, a teologia paulina sobre a encarnação. No terceiro e último capítulo, trabalharei a questão da divinização e humanização do homem através da encarnação, o Verbo encarnado restaura o homem por dentro, esta humanização e divinização já constituem a salvação da humanidade, a encarnação já é salvação.

Findo o terceiro capítulo apresentando a morte e ressurreição do Verbo como ápice de nossa humanização e divinização, última palavra no que se diz de nossa salvação, do retorno definitivo do homem a Deus. O presente trabalho pode ser uma ajuda no campos pastoral pois ainda corremos o grande risco de deixar de lado a verdadeira imagem de Cristo, deixar de lado um Deus que se fez homem, que viveu neste mundo como Homem-Deus, mostrando a humanidade o seu verdadeiro destino, ainda encontramos espiritualidades que menosprezam o humano na tentativa de “salvar” o divino.

Muitas pessoas tem a dificuldade de perceber no humano a abertura para Deus, e tentam viver, ou alcançar a salvação, vivendo o total desprezo ao humano e valorizando apenas o divino, o presente trabalho tentará contribuir com o equilíbrio desta realidade, ou ao menos, mostrar que a salvação passa pela união do humano com o divino.

## 2 O HOMEM CRIADO POR DEUS

### 2.1 O HOMEM IMAGEM DE DEUS

O tema do homem *Imago Dei* já de início ressalta a importância que ele tem em meio à criação. A distinção que o homem tem em relação às outras criaturas está no seu ser *Imago Dei*. O homem assim como todo ser vivente é criatura, é ser criado por Deus, “é uma criatura entre as criaturas, mesmo se neste mundo criado ele tenha uma evidente centralidade” (LADÁRIA, 1998, p.37)

O destaque que o homem possui não está em si mesmo, mas naquele que o criou, Deus, e ele foi criado de forma distinta de toda a obra da criação. O livro de Gênesis relata que ao criar o homem, Deus o faz de forma diferenciada das outras criaturas, “Façamos o homem a nossa Imagem e semelhança” (cf. Gn 1,26), Deus cria o homem a partir de si, da sua imagem; Deus é o referencial do homem.

Esse mesmo homem em Gn 1 é o que Deus constitui como seu representante frente à obra criada. Ele coloca “à frente dela o ser humano, sua imagem, para que em seu nome presida, governe e conduza à consumação.” (LA PEÑA, 1998, p. 31). O homem é um ser misterioso que só pode ser corretamente compreendido a partir de seu Criador. O homem é um mistério para si mesmo, pois é criado a Imagem e Semelhança de seu Criador.

Quando falamos de homem imagem e semelhança de Deus, esbarramos no que é próprio do mistério, nos faltam dados empíricos. Na maioria das vezes para falar da criação a imagem e semelhança, nos utilizamos de Gn 1,26; mas é difícil falar desta imagem se quisermos ver o relato de Gênesis como um livro histórico-científico.

Logicamente o livro de Gn não é um texto histórico, mas traz em si uma intuição, onde podemos perceber a íntima relação de Deus com o homem. O homem adâmico goza da profunda amizade com Deus. O escrito de Gn 1,1-11, onde encontramos o relato da criação é escrito a partir do exílio no século VI. Não está disposto na bíblia de forma cronológica, por isso só podemos analisá-lo tendo em

vista a revelação de Deus para com seu povo; um Deus que entra na história da humanidade.

A verdadeira compreensão de imagem só teremos no NT, pois Jesus “[...] é a imagem do Deus invisível, Primogênito de toda a criatura, [...]” (cf. Cl 1,15). É Ele quem nos revela quem é Deus, pois ele mesmo diz “Aquele que me viu, viu o Pai” (cf. Jo 14,9). Jesus é quem vem “[...] revelar a verdadeira identidade do homem.” (GS n. 22).

No NT a idéia da imagem, que no AT está centrada na criação do homem, transforma-se num tema cristológico-escatológico, pois Jesus é quem restaura o homem e mostra a sua verdadeira origem, Deus.

Paulo em suas cartas trabalha a realidade da figura de Cristo como verdadeira imagem, pois Adão é a “[...] figura daquele que havia de vir.” (cf. Rm 5,14). Jesus é quem dá o real sentido à criação, é Aquele que vem consumá-la, “Tudo foi criado por Ele e para Ele [...]” (cf. Cl 1,16). É Jesus que revela a verdadeira natureza do homem e sua verdade.

### 2.1.1 O Homem *Imago Dei* Criado Para O Relacionamento Com Deus

O homem foi criado por Deus, com a capacidade de relacionar-se com Ele e seus irmãos. Existe entre o homem e Deus um relacionamento, e o homem neste relacionamento é profundamente dependente de Deus, (RÚBIO, 2007, p. 73), existe aí um relacionamento entre Deus-criatura, criatura-Deus, um Deus que vem ao encontro do ser criado, e esse ser criado, que mesmo as apalpadelas busca o seu criador, o qual é profundamente dependente

A própria criação já é um ato de Deus relacionar-se com o homem. Ele que não somente cria o homem, mas se comunica a ele, pois “[...] cada homem, foi feito para existir em relação com Deus, nisso consistirá sua condição imagem.” (LADÁRIA, 2002, p. 51). Deus ao longo da história bíblica relaciona-se com aquele que foi feito a sua imagem e semelhança, o homem descendente de Adão. A “[...] imagem é vinculada à capacidade de relacionar-se com Deus; nisso se reconhece, sem dúvida, uma profunda intuição.” (LADÁRIA, 2002, p. 56). O homem possui a

capacidade de relacionar-se com Deus, pois é criado a imagem e semelhança de seu Criador.

O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, de forma que está no interior do homem a certeza de que sua realização está em seu Criador e não fora dele (CIC n. 27). “A razão principal da dignidade humana está na vocação do homem a comunhão com Deus. Já desde o início o homem é convidado para o diálogo com Deus.” (GS n. 19).

Esta união íntima e vital do homem com Deus pode ser rejeitada pelo próprio homem mediante suas escolhas, de acordo com a liberdade que lhe foi dada por Deus no ato da criação. O mesmo homem capaz de Deus é capaz também de negar a sua natureza de ir ao encontro de seu Criador.

### 2.1.2 O Pecado Original: Quebra Da Relação Com Deus

Os primeiros capítulos de Gêneses relatam a condição do homem no paraíso bem como seu relacionamento diferenciado com Deus. O homem adâmico “[...] aparece plenamente feliz, reconciliado consigo mesmo, com a natureza e com Deus.” (QUEIRUGA, 1999, p. 159). O livro do Gênesis não tem o objetivo de mostrar, como onde ou quando o homem foi feito, mas sim apresentar numa perspectiva sapiencial a situação atual da humanidade (RUBIO, 1989, p. 515), como também o relacionamento inicial do homem com Deus, onde ele gozava da plena amizade do seu Criador.

O capítulo 3 de Gênesis já nos vem relatar a queda do homem, o que comumente chamamos de pecado original, o que é uma forma de analogia, pois aí foi gerada a ruptura do homem com Deus. O homem “[...] iludido pela sua auto-suficiência insensata e orgulhosa.” (RUBIO, 1989, p. 516) quer ser como Deus. A queda ou pecado original como conhecemos “consiste na soberba que leva o ser humano a considerar-se em pé de igualdade com Deus, traindo a sua condição criatural” (RUBIO, 1989, p. 516).

O homem criado por Deus a sua Imagem e Semelhança, que nutria de um profundo relacionamento com seu Criador, nega a si mesmo, afasta-se de Deus por um ato de desobediência e auto-suficiência, “[...] rejeitando a relação dialógica com Deus e com os irmãos.” (RUBIO, 1989, p. 516). Deus deixa de ser o referencial do

homem, o homem busca a sua plena autonomia, rejeitando assim a amizade, os cuidados de Deus, querendo julgar por si próprio “[...] o que não lhe faz bem, o que lhe é prejudicial” (RUBIO, 1989, p. 517). O homem tenta ser senhor de si, tenta romper com o seu ser criatural, o mesmo ser criatural que o torna eternamente dependente do seu Criador.

A desobediência vivida pelo homem acarreta a ele conseqüências desastrosas, “[...] quiseram ser como Deus, e se descobrem nus, desvalidos, entregues a própria fraqueza.” (RUBIO, 1989, p. 517).

O homem faz a experiência de afastar-se de seu criador, que é também o seu provedor, o seu ponto de chegada e de partida, desta forma afasta-se de si mesmo, ficando perdido, não prosseguindo por si mesmo.

Reza a Santa Mãe Igreja que o pecado original é transmitido por propagação a todo o gênero humano, e não é uma mera questão de imitação de um mau exemplo, em Adão, pecador, o homem é atingido em seu interior, onde ele não pode ser restaurado sozinho, ou seja, por si, mas sim, por intermédio de Jesus Cristo (DENZINGER, 2007, p. 398). Essa propagação afirmada pela Igreja diz respeito ao ser de cada indivíduo, e não a questão biológica, o homem é afetado em seu interior, em seu ser, não podemos ver essa propagação como se fosse um vírus.

A humanidade, mediante o pecado original, encontra-se afastada da amizade que o primeiro homem gozava no paraíso, e isso não é uma questão de escolha, como sugeriam os “pelagianos”<sup>1</sup>, mas sim de que “[...] por um só homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado, a morte, e assim a morte atingiu todos os homens: aliás, todos pecaram [...]” (cf. Rm 5,12) a partir do primeiro Adão todos pecaram e estão inseridos neste distanciamento, distanciamento esse que é resultado da quebra da relação ocorrida após a desobediência de Adão. A humanidade herda de Adão o mesmo destino dele, a quebra da relação homem/Deus, ou seja, o distanciamento do homem adâmico que foi feito pra existir em profunda relação com Deus, a partir do pecado original se distancia de seu criador.

---

<sup>1</sup> Seguidores de Pelágio, que acreditavam que o pecado original era apenas um mau exemplo, e que não era transmitido de geração por propagação, e que o homem por si só poderia liberta-se, desprezando assim o batismo de crianças por acreditar que elas não tinha o pecado original, o pelagianismo foi combatido por Agostinho de Hipona.

O homem é o único ser capaz de Deus, mesmo inserido na dimensão que conhecemos como pecado original, ele pode conhecer a Deus, mesmo que de forma limitada, mas ainda sim pode conhecê-lo; a capacidade que o primeiro Adão tinha de tal conhecimento foi enfraquecida pelo pecado original, agora o homem traz em si a necessidade de retornar ao seu estado original, porém a esse estado ele não é capaz de retornar com suas próprias forças.

Segundo Ladarria em seu livro introdução a Antropologia teológica, a doutrina do pecado original ou queda tem dois marcos históricos, um marcado pela doutrina de Agostinho, que foi o primeiro a elaborar e sistematizar esta doutrina, onde combate o pelagianismo; o outro é o Concílio de Trento, onde encontramos as declarações magisteriais mais importantes sobre o pecado original.

A expressão pecado original é de origem latina: Agostinho será o responsável por seu êxito na história da doutrina e catequese. (SESBOÜÉ, 2003, p. 133). O trabalho de Agostinho na sistematização da doutrina do pecado original, como também a defesa contra os pelagianos, foi tão significativo para a história dos dogmas que muitos vão se perguntar se não foi ele quem inventou o pecado original (SESBOÜÉ, 2003, p. 134). Todavia, à luz das Sagradas escrituras, percebemos que o pecado original não é uma invenção, mas sim uma realidade de fé.

A doutrina do pecado original não é bem aceita por todos, muito menos por considerarem Agostinho seu pai, devido à dogmatização desta doutrina:

Agostinho é, pois, no pleno sentido da palavra, o pai do dogma do pecado original. É por isso que o fato da Igreja ter elevado ao nível de dogma, ou seja, de artigo absoluto de fé, de valor eterno e irreformável, partes essenciais da teologia do pecado original de Agostinho, condicionada no tempo e no espaço, não prestou serviço nem a humanidade nem a ela mesma. (SESBOÜÉ, 2003, p. 136).

A Igreja reconhece a importância da ajuda de Agostinho na defesa da doutrina sobre o pecado original, como também na sistematização feita por ele desse dogma

Contra os pelagianos, Agostinho defende um pecado de origem entendido como falta hereditária para todo o descendente de Adão, com a consequência penal de condenação eterna para aqueles que dela não são libertos por Cristo (SESBOÜÉ, 2003, p. 135).

Agostinho via a encarnação do Verbo a partir da doutrina do pecado original, o homem está condenado por estar contaminado pelo pecado original, que é transmitido por propagação de forma hereditária, o homem não poderia salvar-se desse pecado por força e vontade própria, precisaria de um mediador, e esse mediador é Jesus. A teologia a respeito do pecado original de Agostinho foi a teologia aceita e difundida pelo Concílio de Trento na Sessão 5ª. Esse Concílio vai afirmar que Adão pecou e nele todos pecaram e só Cristo é o redentor da humanidade. Vejamos alguns trechos das definições a respeito do pecado original:

[...] o primeiro Adão, tendo transgredido no paraíso a ordem de Deus, perdeu imediatamente a santidade e a justiça nas quais tinha sido constituído, e que, por este pecado de prevaricação, incorreu na ira e na indignação de Deus e, por isso, na morte com que Deus o havia ameaçado anteriormente e, com a morte, na escravidão sob o poder daquele que depois “teve o domínio da morte” (Hb 2,14), isto é, o diabo; e que o Adão inteiro por aquele pecado de prevaricação mudou para pior, tanto no corpo como na alma, seja anátema. (DEINZINGER, 2007, p. 398)

O Concílio afirma que a transgressão vivida pelo homem fez com que ele perdesse a santidade e a justiça de que ele gozava, tendo como resposta a tal ato as conseqüências as quais Deus lhe havia prevenido, no caso a morte. O homem se torna escravo do pecado e todo o ser de Adão é atingido pelo pecado. Portanto,

“Se alguém afirma que a prevaricação de Adão a ele só e não a sua descendência; que perdeu somente para si e não também para nós a santidade e a justiça recebidas de Deus; ou que, manchado pelo pecado da desobediência, ele transmitiu a todo o gênero humano “só a morte” e as penas “do corpo, e não também o pecado, que é a morte da alma” seja anátema “pois contradiz o Apóstolo que afirma: ‘Por causa de um só homem o pecado entrou no mundo e com o pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, e nele todos pecaram’ (Rm 5,12) [...]”. (DEINZINGER, 2007, p. 398)

O ato de desobediência de Adão atinge toda a humanidade e não só Adão, como os pelagianos afirmavam na época, Adão não era apenas um mau exemplo, o pecado entra no mundo pelo seu ato, com o pecado o homem é entregue à morte, pois em Adão toda a humanidade pecou.

Se alguém afirma que esse pecado de Adão, que é um só quanto à origem e a todos transmitido por propagação, não por imitação, pertence a cada um como próprio, pode ser tirado com as forças da natureza humana ou com outro remédio que não os méritos do único mediador, nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1347), que nos reconciliou com Deus no seu sangue (cf. Rm 5,9s), tornado por nós justiça, santificação e redenção (cf. 1 Cor 1,30); ou nega que este mérito de Jesus Cristo é aplicado, tanto aos adultos como às crianças, mediante o sacramento do batismo devidamente administrado segundo a maneira da Igreja, seja anátema. (DEINZINGER, 2007, p. 398).

O pecado de Adão transmitido a toda a humanidade, não pode ser tirado pela ação do próprio homem, ou de qualquer outra forma que não seja através dos méritos de Cristo. O mundo é reconciliado por meio de Cristo, e esta mediação é alcançada pelo homem através do batismo, tanto o de adultos, como o de crianças, que era negado pelos pelagianos.

O pecado original foi a quebra da relação do homem com Deus, relação a qual o homem não pode retornar por suas próprias forças, fazendo-se necessário um intermediário, que é Cristo, imagem visível de Deus, aquele que tem plena comunhão com Deus, que é o próprio Deus que vem em auxílio da humanidade.

### 3 ENCARNAÇÃO: O HUMANO E O DIVINO ENTRE NÓS

#### 3.1 O VERBO SE FEZ CARNE E HABITOU ENTRE NÓS

Ao longo da história veterotestamentária percebemos a manifestação de Deus na história do homem. Ele constantemente vem em favor de seu povo: “[...] vi a opressão de meu povo [...]. Sim, conheço seus sofrimentos. Desci para libertá-lo das mãos dos egípcios e fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta [...]” (cf. Ex 3,7-8). Esta passagem mostra claramente Deus vindo em favor de seu povo, intervindo, entrando na história.

O homem no início da criação gozava de plena amizade com Deus, porém essa amizade foi enfraquecida e até mesmo esquecida pelo próprio homem, esse esquecimento é de certa forma relatado no capítulo 3 de Êxodo, em que Deus se manifesta a Moisés no episódio da sarça ardente, onde Deus, em sua Teofania<sup>2</sup>, chama Moisés pelo nome, mas Moisés não sabe quem está falando. Aqui vemos claramente que em Adão havia intimidade entre ele e Deus, já em Moisés percebemos o profundo distanciamento, ele não conhece a Deus.

Para os judeus o grande marco histórico é a libertação do Egito, que acontece de for

ma prodigiosa, pois Deus é o libertador de seu povo. Essa libertação é a prefiguração da grande libertação que está por vir através da Encarnação, o momento que em definitivo Deus entrará na história.

No NT encontramos o grande marco histórico para toda a humanidade, pois esse marco não envolve apenas os cristãos, e sim todo o gênero humano, “E o verbo divino se fez carne e habitou entre nós vimos sua glória; glória essa que o Filho único cheio de graça e verdade tem da parte do Pai.” (cf. Jo 1,14).

---

<sup>2</sup> No AT Deus se manifesta ao povo de várias formas, como elementos da natureza vento, fogo e também fala aos israelitas através dos anjos e até mesmo através dos profetas.

O Filho é o verbo, que desde sempre está com Deus, “Tudo foi feito por meio Dele; e sem ele nada se fez do que foi feito.” (cf. Jo 1,3); Jesus é o verbo de Deus que desde sempre estava com Deus e era o próprio Deus. Essa afirmação de certa forma nos remete a Gn 1,26, onde vemos o “façamos”, que traz o homem à existência, que cria o homem adâmico. O verbo era desde o início o próprio Deus, que se revela ao homem em sua glória.

O evangelho joanino atesta de forma enfática que o Verbo de Deus se fez carne, mostrando que Deus entra na história de forma nova, palpável, visível ao homem. Deus escuta o clamor de seu povo e lhe vem em auxílio. Jesus se faz semelhante ao homem, assume a sua carne, suas fraquezas, elevando essa humanidade a partir de então a uma nova dimensão. “O termo grego *sarx* (carne) muito próximo ao termo hebraico *bâsâr*, designa o homem em sua fragilidade e transitoriedade de criatura mortal.” (ETCHEGARAY, 1996, p. 17). Jesus assumiu a nossa humanidade por inteiro aproximando o que estava distanciado por força do pecado original. Na encarnação, Deus assumiu o homem fazendo com que o mesmo viva o retorno ao seu estado de origem, que é o de proximidade com Deus:

“A encarnação é ato salvífico de Deus, é economia de salvação, é o próprio Deus que vem resgatar a imagem do homem, e elevá-la a sua consumação, o verbo encarnado é o verdadeiro homem, visível, palpável, mortal, é a eficácia salvífica na terra.” (ETCHEGARAY, 1996, p. 19).

Na encarnação é “[...] Deus que vem em pessoa falar de si ao homem e mostrar-lhe o caminho por onde é possível atingi-lo” (ETCHEGARAY, 1996, p. 17). Deus apresenta ao homem o próprio homem, e revela que mesmo o homem sendo um ser criatural tem um papel diferencial entre a criação, que ele é um ser capaz de Deus, e esta capacidade só pode ser restabelecida por Jesus, o Verbo encarnado.

O povo de Deus sempre teve um ideal de salvação, pois foi inúmeras vezes ocupado por outros povos sendo assim oprimido e até feito de escravo pelos povos que o dominavam. A última ocupação foi a romana em 63 a.C, onde todos os esforços de libertação da opressão dos outros povos que os dominavam foram fracassadas, todas as mediações salvíficas da época acabaram falhando (ETCHEGARAY, 1996, p. 21). Jesus entra na história para trazer a salvação tão

esperada, porém, não era uma salvação política, mas sim, para salvar o homem como um todo, a grande novidade do NT é a “intervenção divina que irrompe com novidade absoluta no marco zero da história para fazer imergir nela a sua salvação definitiva acessível a toda a humanidade.” (ETCHEGARAY, 1996, p. 22).

Jesus é o verbo encarnado que João fala no primeiro capítulo do evangelho, é a plena revelação de Deus que vem dar-se ao homem, mostrando ao homem sua própria identidade. Ele é a salvação personificada que vem ao homem:

“É preciso que o homem Jesus em si mesmo, e não só mediante suas palavras, seja a auto-revelação de Deus, e propriamente não o pode ser, se precisamente essa sua humanidade não for a expressão de Deus.” (Rahner, 2004, p. 267).

Deus, na encarnação revela na humanidade a divindade, na divindade a humanidade, Leonardo Boff diz o seguinte:” [...] humano assim como Jesus, só pode ser Deus mesmo.” (Boff, 1977, p. 193).

Na encarnação Deus aproxima duas realidades que até então haviam se distanciado, a realidade humana e a divina, distância essa que ocorre por causa do pecado original, em Jesus o humano se mostra plenamente capaz de Deus.

### 3.2 Teologia De Paulo Sobre A Encarnação

Paulo foi “o primeiro teólogo da Igreja a desenvolver uma concepção própria da história da salvação [...]” (SCHREINER, DAUTZENBERG, 2004, p. 84), e nessa concepção Cristo é o cume desta salvação e não o fim, mas sim, é Nele que se concretiza a verdadeira salvação, ou seja, para Paulo a história da salvação de Israel não termina em Cristo, no ato da encarnação, mas sim, começa em Cristo, pois é Ele o seu verdadeiro cumprimento.

Na teologia paulina o ato da encarnação não é em si salvação, mas sim preparação para a salvação, pois em seu pensamento a salvação se dá na morte e ressurreição do verbo encarnado, essa preparação é considerada por ele a

humilhação do próprio Deus, que vive a *kenosis*<sup>3</sup>, que é relatada em Fl 2,7 (SCHREINER, DAUTZENBERG, 2004, p. 132).

No pensamento religioso de Paulo, Deus é o princípio e o fim de seu universo, não um Deus oculto em uma metafísica distante, mas sim um Deus que assim como no AT se revela de forma pessoal ao homem e que traz em si um único desejo, o de salvar o homem; para Paulo tudo o que se fala ou pensa de Deus vai ao encontro do homem, e tudo o que se pensa e diz do homem nos conduz de imediato a Deus (Schreiner, Dautzenberg, 2004, p. 80). Na teologia paulina o homem é peça chave para qualquer elaboração teológica, pois o homem é o destinatário da mensagem de Deus, mensagem essa que é a salvação, esse profundo desejo de Deus de resgatar a humanidade que outrora estava perdida.

Na teologia paulina a salvação não é um pensamento vago apenas retórico, mas sim uma realidade palpável, pois a salvação de Deus se personifica, ela entra na história de forma que todos possam ter contato com ela, “Mas ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito a lei, para pagar a alforria daqueles que estão sujeitos a lei [...]” (cf. Gl 4,4-5) A salvação se faz presente em Jesus Filho de Deus, Ele é a encarnação da salvação, é o Deus que de forma pessoal se manifesta ao homem para salvá-lo, Jesus não é simplesmente um profeta que anuncia a salvação, mas sim, Ele próprio é a salvação que vem ao encontro a humanidade.

A salvação na teologia paulina se manifesta de forma clara na união paradoxal, entre a fraqueza humana e o poder de Deus, um Deus que assume a fragilidade humana, como vimos há pouco, que vive a *kenosis*, que vai ao mais baixo para salvar homem, um Deus que assume o homem em sua totalidade.

“Com uma confiança inabalável na certeza da salvação, Paulo já vê como um fato consumado a conglorificação com Cristo, ainda por realizar-se na ressurreição futura.” (SCHREINER, DAUTZENBERG, 2004, p. 82). A encarnação já é uma ação salvífica, mas a sua consumação se dá na morte e ressurreição, onde todos nós

---

<sup>3</sup> Significa esvaziamento, é encontrado no novo testamento como o esvaziamento de Jesus (Fl 2,7), está relacionado à sua divindade, mas precisamente ao deixar de lado seus atributos divinos sem perder sua natureza divina. Jesus deixa de depender de seu poder divino para depender do Espírito Santo.

com ele ressuscitaremos, “Digna de confiança é esta palavra: Se com ele morremos, com ele viveremos, [...]” (cf. II Tm 2,11) <sup>4</sup>.

Para Paulo, Adão é a figura de Cristo, é a imagem daquele que devia vir, não foi o Cristo feito a imagem de Adão, mas sim, Adão foi feito a imagem de Cristo, “Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criatura, pois nele tudo foi criado, nos céus e na terra, tanto os seres visíveis como os invisíveis [...],” (cf. Cl 1,15-16). Cristo é o homem verdadeiro e não Adão, é em Cristo que o homem toma a real consciência de sua identidade, é no contato com o divino que temos o acesso ao humano, é no contato com a humanidade verdadeira que temos o real conhecimento do divino.

Segundo Paulo, Jesus é sujeito à lei, para ele, ser sujeito à lei em si, tem um caráter negativo, pois a humanidade é sujeita à lei mosaica, e devido às suas transgressões ela deve pagar por seus erros, como bem diz a lei; Cristo em nome de toda a humanidade se sujeita à lei, manifestando ainda mais o seu plano de salvação. (SCHREINER, DAUTZENBERG, 2004, p. 87). “O que era impossível à lei, por que a carne a votava à impotência, Deus o fez: por causa do pecado, enviando o seu próprio Filho na condição da nossa carne de pecado, ele condenou o pecado na carne, afim de que a justiça exigida pela lei seja realizada em nós, que não andamos sobre o domínio da carne, mas do Espírito.” (cf. Rm 8,3-4)

### 3.2.1 A Compreensão Da Encarnação Do Verbo Nos Primeiros Concílios

O entendimento a respeito da encarnação nunca foi de fácil compreensão, encontramos nos primeiros séculos do cristianismo, vários pensamentos sobre a encarnação, porém entre esses pensamentos, encontram-se muitos problemas teológicos, as heresias cristológicas comumente conhecidas, e respondendo a elas os primeiros concílios, que trabalharam na defesa da fé e da compreensão da encarnação, da existência Deus-homem, homem-Deus.

Neste capítulo vamos nos ater aos problemas teológicos acerca da encarnação do Verbo, nos utilizaremos tanto das heresias como dos concílios, que

---

<sup>4</sup> No terceiro capítulo trabalharemos de forma mais aprofundada a questão da morte e ressurreição como consumação da ação salvadora de Deus.

são a resposta da Igreja frente às heresias, no caso deste trabalho, as heresias cristológicas.

Em 325 aconteceu o concílio de Nicéia, que combateu o arianismo, essa heresia surgiu por volta de 318.

Ário era um presbítero da Igreja de Alexandria, colocado como responsável da igreja de Báucalis no bairro portuário, nasceu por volta de 256-260 em Líbia. Já como diácono tivera problemas disciplinares com seu bispo Pedro, que o excomungou, Ário fora admitido mais tarde pelo sucessor de Pedro, Alexandre que o ordenou para Báucalis.

Por volta de 318-320 Ário começa a provocar incômodos entre seus fiéis com pregações sobre o Filho de Deus, onde ele afirmava que Jesus havia sido gerado no tempo como toda a criação. Seu bispo alertado pelos fiéis da Báucalis chama Ário para um debate público com o clero, que acontece por duas vezes e então, pede-lhe que rejeite essas afirmações a respeito de Jesus, e Ário para se sair bem da situação o acusa de Sabelianismo<sup>5</sup>.

De forma rápida a doutrina de Ário se espalha no Egito, Líbia, nas províncias do Oriente e da Ásia menor.

Alexandre preocupado com a expansão das idéias de Ário, em 320 convoca um sínodo local do Egito, onde são condenadas as idéias de Ário e ele é excomungado, por sua vez ele vai se refugiar com seu amigo da Nicomédia Euzébio.

Em 325, Constantino, ao conseguir a paz do Império, em 324 ao vencer Licínio<sup>6</sup>, viu a paz do Império ameaçada pelo racha que estava acontecendo na Igreja com os embates teológicos daquele momento histórico, assim, ele convoca o concílio de Nicéia, com o desejo de alcançar a paz religiosa de seu Império também.

---

<sup>5</sup> Sabelianismo (também conhecido como modalismo) é a crença estabelecida no século III de que a Trindade não se configura em três pessoas, mas em modos, ou atributos de Deus. Ela é atribuída a Sabélio, que ensinou uma forma desta doutrina em Roma na época.

<sup>6</sup> Valério Liciniano foi um co-imperador romano. Seu reinado compreende o período de 308 a 324, sendo que em 30 de abril de 313 unificou todo o Império Romano do Oriente. Foi seu cunhado, Constantino, o Grande, imperador do ocidente, quem o tirou do trono, após uma batalha militar entre os dois e condenou-o a morte, e assim transformou-se no comandante supremo de todo o Império Romano.

A doutrina de Ário é subordinacionista<sup>7</sup> e até mesmo monarquista, para ele Deus é um ser único, não gerado e Todo Outro, que desde sempre existiu; já o Verbo-Filho é gerado, na compreensão de Ário, se o verbo fosse também gerado não existiria um Deus e sim dois deuses, o que feriria o monoteísmo, Deus não foi Pai sempre, ele foi um dia a partir do momento em que o Filho foi gerado.

O Verbo-Filho é um ser que vem de Deus, porém não tem o mesmo substrato, mas sim é uma criatura, que “está no mais alto nível dessa escala” (SESBOÜÉ, 2002, p. 210), ele pode ser intermediário entre o homem e Deus por estar neste nível elevado da criação.

Poucos são os textos que temos das idéias de Ário, o motivo era o tratamento dado aos condenados por heresias na época, as obras eram queimadas, mas mesmo com essa perda os fragmentos que temos nos ajudam a ter uma compreensão mais clara das idéias de Ário, por exemplo, a carta a Euzébio da Nicomédia:

O bispo não pára de nos espicaçar e de nos perseguir com todas as velas defraudadas; ele nos expulsou da cidade como ateus, sob o pretexto de fazermos coro com ele quando declara em público: “Um Deus eterno, um Filho eterno: ao mesmo tempo um Pai, ao mesmo tempo um Filho, o Filho coexiste com Deus sem ser gerado, ele é sempre-gerado, não tornado por geração, e Deus não precede o Filho, nem num pensamento, nem num ato de tempo: um Deus eterno, um Filho eterno, o Filho vem do próprio Deus”. [...] Ora, nós somos perseguidos por ter dito: “O Filho tem um começo, mas Deus é sem começo”. Eis por que somos perseguidos, e também por que dissemos: “Ele é a partir do nada”. Assim falamos, dado que ele não é uma parte de Deus, nem proveniente de substrato. (SESBOÜÉ, 2002, apud Ário).

Ário deixa bem claro que em sua cristologia, o Verbo não é Deus, e não existiu desde sempre, percebemos isso claramente nesta carta a Euzébio, para ele o Verbo teve um começo, pois ele não é não-gerado, não possui o substrato de Deus, Deus é Pai a partir da existência do Filho.

Para Ário Deus não poderia suportar as fragilidades vividas por Cristo em sua vida terrena, ele tem como fragilidades a vivência de Jesus relatada nos evangelhos.

---

<sup>7</sup> O subordinacionalismo era a crença cristã primitiva de que Jesus Cristo era subordinado a Deus, o Pai.

“O esquema cristológico de Ário é o seguinte: o Verbo do Pai, inferior a ele, preexistente ao nosso mundo e aos anjos, mas capaz de mudança, uniu-se a uma carne humana, a título de instrumento, de tal modo que desempenha nessa carne o papel da alma, que ele substitui. Assumindo assim a condição humana, ele participa de todas as suas mudanças e de todas as suas paixões. Mas porta-se de maneira tão meritória que é tornado perfeito e associado à divindade.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 211)

Segundo Ário Jesus não é Deus, pois não há em seu pensamento esta união do perfeito com o imperfeito, Deus-homem, homem-Deus, o Verbo seria a alma deste corpo humano, que estaria no lugar da alma, e seria associado à divindade por uma mera questão meritória. Jesus teria sido santificado pelo Pai, em seu batismo, onde teria recebido a filiação divina, o Verbo encarnado é um ser mutável, e Deus é imutável. Ário se utiliza de passagens bíblicas para fundamentar suas idéias, “Iahweh me criou, primícias de sua obra, de seus feitos mais antigos.” (cf. Pr 8, 22), “ porque o Pai é maior do que eu.” (cf. Jo 14,28). No arianismo Deus Pai é superior ao Verbo-Filho, o Filho por sua vez, foi criado e não é do mesmo substrato do Pai.

O Concílio de Nicéia (325) vem em resposta à teologia de Ário e afirma em sua resolução final a cristologia da igreja:

“Cremos em um só Deus, Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis. Em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por meio do qual vieram a ser todas as coisas, tanto no céu como na terra; o qual, por causa de nós homens e da nossa salvação, desceu e se encarnou se en-humanou, padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia, [e] subiu aos céus, havendo de vir julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo. [...]”. ( DENZINGER, 2007, p. 51)

O Concílio então afirma que Jesus é Deus assim como o Pai, é da mesma substância, é gerado e não criado, ao contrário do que pregava Ário, Jesus não é criatura, não foi criado por Deus, mas sim é Deus, e se encarnou, assumindo a humanidade, mas ainda sim sendo Deus.

A cristologia de Ário foi condenada, e ele foi anatematizado, se por um lado Ário se utilizou de passagens bíblicas para fundamentar suas idéias, o concílio não as utilizou explicitamente, mas sim se utilizou de termos gregos como “ὁμοούσιος”

(substância), para designar que o Pai e o Filho são da mesma substância, e para evitar confusões hermenêuticas.

Em 431, ao contrário do Concílio de Nicéia o de Éfeso “[...] não formulará definição dogmática [...]” (Sesboüé, 2002, p. 318); mas sim, condenou Nestório de Heresia e dogmatizou a carta de Cirilo a Nestório, que trazia em seu conteúdo a compreensão cristológica de Cirilo.

Um novo embate teológico surge a respeito da encarnação do Verbo, agora de um lado temos Nestório que diz que Maria é Christotokos e não Theotokos, e Cirilo do outro lado defendendo que Maria é a Theotokos. O que está em jogo aqui é a união entre a divindade e a humanidade no Cristo.

“Nestório nasceu no último quarto do século IV, em Germanícia na Síria de Eufrades.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 319) Era um pregador célebre e tivera sua formação na escola de Antioquia, tornou-se em 428 patriarca de Constantinopla, e lá provocou escândalos entre os fiéis ao afirmar que Maria era apenas Christotokos, e não Theotokos como amplamente era divulgado e aceito já naquela época. O povo daquele patriarcado logo reagiu às pregações de Nestório, colocando nas portas da Igreja um contestatio<sup>8</sup>, e as teses de Nestório em paralelo às teses de Paulo de Samosata<sup>9</sup>. (SESBOÜÉ, 2002, p. 318)

Na teologia de Nestório, em Cristo existem dois personagens (prosopons) um divino e outro humano, duas naturezas distintas, que estariam “intimamente ligadas por uma ligação de habitação.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 310)

“Ele se proíbe, todavia, de dividir o Cristo em dois Filhos, e insiste na conjunção das duas naturezas em uma só pessoa ou personagem, que representa o que é comum a um e a outro.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 319).

Cirilo de Alexandria vai entrar nesta briga, ele defende a não divisão das naturezas, Jesus seria, homem-Deus, Deus-homem sem distinção, não tendo como separar um de outro.

---

<sup>8</sup> Forma jurídica que enuncia a causa do processo.

<sup>9</sup> Paulo de Samósata foi um religioso cristão do século III (viveu, aproximadamente, entre 200 e 275), tendo sido bispo de Antioquia entre 260 e 268. Foi acusado de adocionismo, segundo ele Jesus nascera de forma humana, e teria sido divinizado ao longo de sua vida terrena.

Cirilo nasceu em Alexandria entre 370 e 380, era sobrinho de seu antecessor Teófilo, ele era extremamente rígido no tocante da doutrina, rigoroso no trato com os hereges.

Na concepção cristológica de ambos perceberemos, em cartas trocadas entre eles, que foram apresentadas no Concílio.

Cirilo usa as definições do Concílio de Nicéia para afirmar o seu pensamento teológico:

“O santo e grande concílio disse, portanto, que o Filho gerado segundo a natureza de Deus Pai, único gerado, o verdadeiro Deus que provém do Deus verdadeiro, a luz proveniente da luz, por quem o Pai criou todas as coisas, desceu, e encarnou-se, fez-se homem, sofreu, ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus. Nós também devemos nos apegar a essas palavras e a essas afirmações doutrinárias, considerando o que significa o fato de o Verbo derivado de Deus ter se encarnado e ter-se feito homem. Com efeito, não dizemos que a natureza do Verbo, por causa de uma transformação, se tornou carne, nem tão pouco que ela foi mudada num homem completo, composto de uma alma e de um corpo, mas sim isto: o Verbo, tendo-se unido segundo a hipóstase (Kath' Hypostasin) a uma carne animada de uma alma racional, tornou-se homem de uma maneira indizível e incompreensível e recebeu o título de Filho do homem, não por mero desejo ou complacência, nem tampouco porque teria assumido dele somente o personagem (prosopon); e dizemos que diferentes são as naturezas reunidas numa verdadeira unidade, e que das duas resultou um só Cristo e um só Filho, não que a diferença das naturezas tenha sido suprimida pela união, mas, sim, porque a divindade e a humanidade forma para nós o único Senhor Cristo e Filho por seu inefável e indizível concurso na unidade.” (SESBOÛÉ, apud Cirilo de Alexandria 2002, p. 320)

Cirilo utilizando-se do concílio de Nicéia faz um apelo à tradição e mostra para Nestório que a cristologia pregada por ele é a mesma de Nicéia.

Em sua cristologia Cirilo afirma que o Verbo divino se fez carne, assumiu a humanidade, e não foi gerado a partir de Maria, pois ele existe desde sempre, como João vai afirmar no quarto evangelho, “No início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus.” (cf. Jo 1,1-2).

Cirilo afirma também que o Verbo se une segundo a hipóstase, sendo apenas um único sujeito, e não dois prosopons como vai afirmar Nestório. O Verbo assume uma nova forma de subsistir e existir um modo humano, em Cristo não há uma transformação, mas sim uma união, segundo a hipóstase.

Cirilo não nega a distinção entre as duas naturezas, que acontece na união, mas nega e condena o dualismo de pessoas no Cristo. Defende de forma enfática a perfeita união entre o Verbo e a carne, de forma a existir um único sujeito, o Verbo

assume a geração segundo a carne, o que segundo Cirilo possibilita dizer que Maria é *Theotokos*:

“Assim, embora Cristo tenha gozado da existência antes dos séculos e tenha sido gerado do Pai, diz-se também que foi gerado segundo a carne de uma mulher, não que sua natureza divina tenha recebido o começo do seu ser na Santa Virgem, nem que tenha precisado necessariamente por si mesma de uma segunda geração, após a que recebeu do Pai, [...] mas já que, tendo-se unido segundo a hipóstase ao elemento humano por nossa causa e para a nossa salvação, ele nasceu de uma mulher, por esta razão se diz que ele foi gerado segundo a carne. [...]” (SESBOÛÉ, 2002, p. 321)

Jesus não se uniu ao humano por necessidade sua, mas sim por causa da humanidade, para a sua salvação, por causa da economia da salvação. Afirma a geração segundo a carne não para determinar o momento em que Ele começou a existir, mas sim, porque Ele assumiu a nossa humanidade, aproximando o que estava distante.

A geração segundo a carne nos leva a compreender como o impassível pode sofrer na cruz, e também como pode sofrer as alterações do dia-a-dia que o homem geralmente sofre, pois existe Nele a distinção de naturezas, mas não a de pessoas, e isso é proveniente das duas gerações, a divina e a segundo a carne; na geração divina o Verbo desde sempre é impassível, porém na geração segundo a carne, que acontece pela salvação da humanidade o Verbo assume a natureza humana por completo, potencialidades e fragilidades, existe aí a profunda união do humano e do divino.

Em resposta a carta de Cirilo, Nestório envia uma carta utilizando-se também do Concílio de Nicéia, onde fica claro um conflito hermenêutico, pois ele faz a sua própria interpretação do Concílio, que diverge da interpretação de Cirilo:

“[...] Lendo superficialmente a tradição destes santos Padres, caístes numa ignorância perdoável, tendo estimado que eles disseram que o Verbo coeterno ao Pai é Passível (*patheos*). Debruça-te, por favor, com um olhar mais penetrante sobre as palavras deles e descobrirás que este divino coro dos Padres, não disse que a divindade consubstancial (*homoousios*) era passível nem que foi recentemente gerada, ela que é coeterna ao Pai, nem que foi ressuscitada, ele que ressuscitou seu templo destruído [...]” (SESBOÛÉ, 2002, p. 323)

Nestório não concebe a distinção das naturezas no Cristo, desta forma, ele condena os que dizem que Cristo sofre sendo uma única pessoa. Para ele a pessoa do Verbo não poderia sofrer, sendo ela divina, apenas o homem Jesus sofreria, e sofreu na cruz, bem como sofreu as alterações naturais que fazem parte do ser do homem. Ele faz confusão entre hipóstase e natureza, mas acerta ao fazer distinção das naturezas, mas erra quando afirma dois sujeitos ou duas hipóstases.

Enquanto Cirilo afirma a união (*henosis*) entre as duas naturezas que acontece de forma perfeita, Nestório afirma a conjunção (*synapheia*) entre as duas naturezas, que é uma oposição:

“Para ele, Cristo é formado da conjunção das duas naturezas, natureza\hipóstase, e as do Verbo\divindade e do homem\humanidade em uma só pessoa, chamada Cristo e Senhor, admitindo-se que nada que concerne à humanidade de Cristo pode afetar o Verbo enquanto tal.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 324)

Para Nestório as naturezas são distintas, e nelas não há unidade. As vicissitudes da humanidade não podem de forma alguma afetar ou serem aplicadas ao Verbo, pois não há comunicação entre as naturezas humanas e divinas.

“Quando Nestório diz duas naturezas, pensa em duas hipóstases; quando Cirilo diz uma natureza, pensa em uma hipóstase, mas admite a diferença específica das duas naturezas antes da união.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 326)

Cirilo reconhece a existência de uma natureza humana em Cristo, de certa forma que poderia falar em duas naturezas, porém evita para permanecer fiel a uma terminologia tradicional. Mesmo com sua grande capacidade teológica, Cirilo não consegue fazer a distinção entre hipóstase e natureza.

O Concílio de Éfeso não cria definição dogmática, apenas dogmatiza a carta de Cirilo e condena a Nestório. Mediante a isso os próximos Concílios não se utilizarão de Éfeso, mas sim do Ato de União que acontece em 433, onde há a reconciliação de João de Antioquia e Cirilo. João escreve a Cirilo uma carta com uma fórmula bem equilibrada que é aceita com muita alegria por Cirilo, em acordo aceitam a condenação de Nestório, mas retiram os anátemas. A carta de João de Antioquia vai ser usada no Concílio de Calcedônia como uma fórmula aceitável:

“Nós confessamos, pois, que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, único gerado, é Deus perfeito e homem perfeito, composto de uma alma racional e de um corpo, gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, o mesmo no final dos tempos, por causa de nós e para a nossa salvação, gerado pela Virgem Maria segundo a humanidade [...]. Houve, com efeito, união (henosis) de duas naturezas [...]. confessamos que a Santa Virgem Maria é Mãe de Deus (Theotokos) (SESBOÛÉ, 2002, p. 323)

O texto de João é em si uma cristologia equilibrada, e se utiliza de um termo que era próprio da cristologia de Cirilo, henosis (união), e não do termo synapheia (conjunção) usado por Nestório em oposição ao termo de Cirilo.

Vinte anos após o concílio de Éfeso acontece o Concílio de Calcedônia, que é de certa forma a continuação da discussão de Éfeso. Os radicais cirilianos não aceitam falar em duas naturezas, pois para eles “falar de duas naturezas após a união equivale a confessar dois Filhos.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 335). Entre os cirilianos radicais continua a confusão da distinção entre hipóstase e natureza.

Em meio à confusão entre os radicais antioquenos e alexandrinos, Prócolo patriarca de Constantinopla propõe uma cristologia equilibrada, que faz a distinção entre hipóstase e natureza: “A economia da salvação une duas naturezas em uma hipóstase [...]” (SESBOÛÉ apud PROCOLO, 2002, p. 335) Nesta fórmula ele usa o termo união, que não era aceito por Nestório, mas termo chave de Cirilo. Encontraremos esta fórmula nas entrelinhas do Concílio. Em 455 ele escreve o tomo aos armênios de uma forma que é aceita tanto por Cirilo como também por João de Antioquia. “Confesso uma só hipóstase do Verbo encarnado [...]” (SESBOÛÉ, 2002, p. 335), essa fórmula é uma recapitulação de Éfeso.

O pivô da quirela cristológica agora é Eutíques, “superior de uma grande comunidade monástica em Constantinopla.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 336). Ele foi partidário de Cirilo no Concílio de Éfeso, e foi o representante dos radicais cirilianos que não aceitam o ato de união. Ele não aceita a afirmação das duas naturezas após a união, para ele existe apenas uma única natureza: “Reconheço que o Senhor era de duas naturezas antes da união, mas após a união só reconheço uma única natureza.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 336).

Para Êutiques após a união as duas naturezas se misturam de tal forma que a natureza humana era absorvida pela divina. “A natureza humana se perdia na natureza divina como uma gota d’água no mar.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 336). Desta forma, a carne de Cristo não seria a nossa carne, ele não teria assumido a totalidade de nossa humanidade, o que gera um grande problema na questão da economia da salvação, pois, como diz Gregório de Nanzianzo; “[...] o que não foi assumido não foi salvo; mas aquilo que foi unido a Deus é o que foi salvo.” (SESBOÛÉ apud NANZIANZO, 2002, p. 295). A cristologia monofisita de Êutiques aniquila a humanidade no Cristo, pondo em cheque a salvação da humanidade.

Êutiques não erra por completo em sua analogia da gota d’ água no mar, pois o divino é imensamente superior ao humano. Porém ele desmerece a união perfeita e a distinção entre as duas naturezas, anulando assim a humanidade assumida pelo Cristo.

Em 448 ele é convocado por Flaviano, patriarca de Constantinopla que reúne um sínodo local e propõe uma fórmula cristológica: “Reconhecemos que Cristo é de duas naturezas após a encarnação, em uma hipóstase e uma pessoa, confessamos um só Cristo, um só Filho, um só Senhor.” (SESBOÛÉ, 2002 p. 337). Êutiques rejeita a fórmula de Flaviano e continua afirmando sua própria fórmula, pois ele contesta tanto as duas naturezas como o avanço cristológico da fórmula que faz a distinção entre prosopon e hipóstase, o sínodo depõe e excomunga Êutiques, que recorre a Roma na pessoa do Papa Leão Magno, e de Dióscoro sucessor de Cirilo, “[...] personagem que herdou de seu antecessor mais os excessos de violência do que a inteligência cristológica.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 337).

Êutiques na época gozava de muita influência, tanto no meio eclesial como na política. Ele tinha ao seu lado o Imperador Teodósio e o patriarca Dióscoro: “Tinha em Dióscoro um aliado natural. O imperador Teodósio II estava todo conquistado à sua causa graças à interferência do eunuco Crisafio, afilhado de Êutiques [...]” (SESBOÛÉ, 2002, p. 337). O imperador convoca um sínodo em Éfeso, e põe Dióscoro como dirigente, com a intenção de “[...] reabilitar Êutiques [...] e de condenar de maneira definitiva todos que a seus olhos pactuavam com o nestorianismo, em particular Flaviano.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 337)

O Papa Leão Magno envia como seus legados, Júlio, bispo de Pazuoli; o presbítero Renato e o Diácono Hilário. Ele escreve um memorial, onde expõe a fé da Igreja a respeito da encarnação do Verbo que ia contra a fórmula cristológica de Êutiques. O Papa afirma uma pessoa e duas naturezas após a união. Esse tratado fica reconhecido como Tomo a Flaviano, porém Dióscoro não permite a leitura do Tomo, que só vai ser usado em Calcedônia, e faz aclamar a seguinte fórmula: “Se alguém diz duas naturezas que seja anátema [...]” (SESBOÜÉ, 2002, p. 338)

Flaviano e Euzébio são excomungados. Flaviano, por sua vez, contesta a Dióscoro, que enraivecido manda abrir as portas da igreja, e pede que os monges armados entrem, começando aí uma guerra brutal dentro da igreja, “[...] Flaviano tenta ganhar o altar, lugar sagrado de asilo, mas não pode chegar lá.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 338).

O Papa Leão condena o Concílio “Não foi um julgamento, foi um latrocínio (*latrocinium*).” (SESBOÜÉ, 2002, p. 338), e com isso o Concílio de 449 fica conhecido como Latrocínio de Éfeso.

Com a morte de Teodósio em 450 e com a subida ao poder de Marciano, o Papa Leão Magno consegue convocar um Concílio, que de início seria em Éfeso, porém devido às batalhas da época é transferido para Calcedônia, para que o imperador pudesse vistoriar o Concílio, impedindo que os últimos acontecimentos se repetissem.

“O Concílio se desenvolveu entre 8 e 31 de outubro de 451 na basílica de santa Eufêmia [...]” (SESBOÜÉ, 2002, p. 343). Os legados romanos por escolha de Leão Magno foram Pascacínio e Lucêncio. De início volta-se ao assunto do Latrocínio de Éfeso. As confusões desse Concílio eram recentes no pensamento de todos ainda. O primeiro ato de Pascacínio é pedir que Dióscoro não tenha assento no Concílio, “[...] visto o modo que conduziu o sínodo de Éfeso.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 434). O Concílio é convocado por Leão Magno na tentativa de pôr fim à quirela cristológica, que no momento se manifesta no monofisismo de Êutiques. “No final do dia, Flaviano é reabilitado. Dióscoro por seu turno será deposto ([...] assim como (...) outros bispos de tendência monofisista).” (SESBOÜÉ, 2002, p. 343). A reabilitação

de Flaviano acontece pós-morte, pois ele morreu a caminho de seu exílio, devido aos ferimentos sofridos no Latrocínio de Éfeso.

Após as resoluções destes casos em aberto, diante da ilegalidade de do Latrocínio de Éfeso, que foi anulado por Leão Magno, começa-se a discutir a questão de fé sobre a encarnação do Verbo, são formados dois grupos no Concílio, um que queria que fosse elaborado um novo texto “[...] de consenso sobre a fé, a fim de encerrar definitivamente o caso.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 343), o que não significaria o fim das discussões sobre o assunto da encarnação, bem como as divergências e tendências monofisitas, já o outro grupo, tem em mente as proibições de Éfeso sobre novos textos,” querem se limitar aos símbolos tradicionais e às cartas de Cirilo e de Leão [...]” (SESBOÜÉ, 2002, p. 344)

O Concílio de Calcedônia tem como textos base o símbolo de Nicéia (325) e o de Constantinopla (381), “[...] que reaparece assim depois de três quartos de séculos de esquecimento [...]”. (SESBOÜÉ, 2002, p. 344). Também são colocadas em relevo as cartas de Cirilo dirigidas a Nestório e a João de Antioquia e o Tomo de Leão Magno a Flaviano. “Tanto os textos de Cirilo como o de Leão Magno são aclamados.” (FRANGIOTTI, 2007, p.131).

Ao contrário do Concílio de Éfeso, o de Calcedônia não vai simplesmente dogmatizar estes textos, apesar da aclamação feita a eles, existe uma minoria que não está de acordo com a fórmula de Leão Magno, que afirma duas naturezas. “Um texto preparado a pedido dos comissários é criticado pelos legados romanos.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 344). A resolução do problema só se deu com a intervenção de Marciano que, “impõe a reunião de uma comissão conciliar que prepara um texto de definição.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 344).

O texto final visa expor uma fórmula diofisita, onde as duas naturezas sejam preservadas, e se afirme a unicidade de pessoas no Cristo, levando ao fim as heresias cristológicas dicotômicas. Não há a “[...] intenção de acrescentar um ponto que faltava às proposições antecedentes.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 346) O Concílio de Calcedônia, não cria um texto novo sobre a fé no Verbo encarnado, mas sim faz a atualização das fórmulas já existentes, tendo como base os textos tradicionais.

O Concílio de Calcedônia faz a seguinte definição de fé na encarnação:

“[...] ensinamos que se confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem <composto> de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado cf. (Hb 4,15), gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, em prol de nós e de nossa salvação, gerado de Maria, a virgem, a Deípara, segundo a humanidade;” ( DENZINGER, 2007, p. 113)

O Concílio apresenta uma fórmula cristológica equilibrada, que integra o Cristo consubstancial ao Pai segundo a divindade e ao mesmo tempo consubstancial ao homem, nascido da Virgem Maria. Os Padres deixam claro que a geração humana acontece em prol de nós homens, sendo assim não é uma necessidade de Deus. E as definições conciliares continuam dizendo o seguinte:

“[...] um só é o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da união, mas, pelo contrário, salvaguarda a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigênito, Deus verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito deles os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres.” (DENZINGER, 2007, p. 113)

Existe apenas um Senhor, existente em duas naturezas, onde as propriedades de ambas são preservadas, uma só pessoa e não duas como afirmavam os heréticos da época, Jesus Cristo é humano e divino ao mesmo tempo.

A encarnação do Verbo é ato salvífico de Deus que traz em si três pontos inseparáveis: “[...] a verdade da divindade de Cristo, a verdade de sua humanidade, e a verdade da união das duas pessoas em uma unidade de uma mesma pessoa.” (SESBOÜÉ, 2002, p. 343)

O Concílio de Calcedônia não põe fim ao monofisismo, mas firma as bases da fé e compreensão da Igreja a respeito da encarnação do Verbo.

De novembro de 680 a setembro de 681, acontece o Concílio de Constantinopla III. É o último cristológico que abordaremos neste trabalho, pois ele vai combater as heresias de Sérgio, ora monoenergismo que diz respeito à energia, e ora monotelismo da vontade.

O monoenergismo é elaborado por Sérgio, patriarca de Constantinopla: “[...] doutrina que supõem uma única atividade em Cristo.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 368).

Sérgio abre mão do termo natureza para falar de atividade, com a intenção de unir os diofisitas de Calcedônia e os monofisitas. Ele se mantém fiel a Calcedônia, porém deixa de lado o termo natureza no Cristo, para falar de uma única atividade no Verbo encarnado, com isso ele faz uma dicotomia no Cristo, onde o humano no Verbo é deixado de lado. Sem perceber Sérgio elabora um monofisismo grosseiro, aniquilando a atividade humana. As atividades fazem parte da natureza, porém Sérgio não as relaciona, afirmando uma única atividade no Cristo.

Dois personagens se destacam na oposição da doutrina de Sérgio. “O primeiro foi Sofrônio mais tarde bispo de Jerusalém, e em seguida Máximo, o Confessor.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 369) Sofrônio contesta o monoenergismo e afirma que “a atividade se reporta à natureza.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 369).

Diante da contestação de Sofrônio: “Sérgio propõe um compromisso, que exprime num Psephos (julgamento) enviado em junho de 633 a Ciro: não se permitiria mais:” a ninguém doravante falar de uma ou de duas atividades a respeito de Cristo, nosso Deus, o que é ímpio, pois é impossível que em um único e mesmo sujeito duas vontades contrárias subsistam ao mesmo tempo uma ao lado da outra.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 369)

Sofrônio e Máximo aceitam o compromisso proposto por Sérgio, por que na proposta fica proibido se falar das atividades de Cristo, claro que isso não resolverá o problema de maneira definitiva.

Em vista da eleição de Sofrônio como patriarca de Jerusalém, Sérgio recorre ao Papa Honório para expor o debate e as vantagens de suas idéias, Honório “[...] faz uma infeliz intervenção na questão monotelista pela qual será posteriormente condenado como herético.” (FRANGIOTTI, 2007, p. 154)

Em 680 é convocado o Concílio ecumênico de Constantinopla III, que condena todos os defensores do monotelismo e do monoenergismo, assim como o Papa Honório:

“Como eles, também deliberamos banir da Santa Igreja de Deus a Honório, outrora papa da antiga Roma, pois verificamos nas cartas escritas por ele a Sérgio que ele seguiu todas as opiniões deste homem e confirmou seus ímpios ensinamentos.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 373)

Constantinopla III afirma que em Cristo existem duas vontades e duas energias, e que elas não se opõem, a humana se submete à divina:

“Proclamamos da mesma maneira nele, segundo o ensinamento dos Santos Padres, duas vontades (thelesis) ou querereres (Thelema) naturais e duas atividades (energeia) naturais, sem divisão sem mudança, sem separação e sem confusão. Os dois querereres (thelema) naturais não são, como disseram os heréticos ímpios, opostos um ao outro, longe disso. Mas seu querer humano segue seu querer divino e todo-poderoso, não lhe resiste e não se opõe a ele, antes se submete a ele. Foi preciso que o querer da carne fosse movido e fosse submetido ao querer divino, segundo o mui sábio Atanásio. Pois assim como sua carne se diz e é a carne do Deus-Verbo, como ele mesmo declara: “ Pois eu desci do céu para fazer não a minha vontade, mas a vontade d’aquela que me enviou” (Jo 6,38)” (SESBOÛE, 2002, p. 374)

As duas vontades e duas energias são necessárias para a salvação do ser humano. Elas não se opõem, mas a humana se sujeita à divina. Se em Gêneses o homem se volta contra a vontade de Deus, na encarnação o humano se sujeita ao divino. Em Cristo, como afirma o Concílio, existem duas vontades e duas energias que correspondem à natureza humana e à natureza divina.

Os Concílios cristológico nos dão uma cristologia equilibrada, que valoriza as duas naturezas, percebendo que ambas as naturezas do Verbo são necessárias para a economia salvífica, de forma que o monofisismo até então é combatido na Igreja, não só o humano, como também não só o divino, o Verbo encarnado é homem-Deus.

## 4 HUMANIZAÇÃO E DIVINIZAÇÃO: AÇÃO SALVÍFICA-REDENTORA

### 4.1 A HUMANIZAÇÃO POR MEIO DE JESUS, O VERDADEIRO HOMEM, ARQUÉTIPO DE TODA A HUMANIDADE

O ato da encarnação processa no homem sua humanização<sup>10</sup>. Vimos no capítulo anterior a dificuldade nos primeiros séculos dos teólogos conceberem a humanidade do Verbo, mas também vimos que eles chegam a compreensão de que o Verbo é Homem-Deus, e assume não uma máscara de humanidade, mas sim a humanidade em sua totalidade.

Em Cristo está o princípio de toda a humanidade. Ele “[...] não é apenas o termo e o cumprimento da criação, mas é também sua fonte e seu princípio.” (MERTON, 2006, p. 66). Falar do homem tendo em relação apenas Adão é não somente um perigo, mas sim, um erro, pois Adão não é o arquétipo da humanidade, ele é “[...] uma representação de Cristo que há de vir.” (MERTON, 2006, p. 66). A verdadeira essência da humanidade se encontra no Cristo e não em Adão. Cristo Verbo encarnado é a verdadeira imagem de Deus, imagem que até antes da encarnação estava oculta, mas que a partir da encarnação, se revela a toda a humanidade.

Cristo não veio ao mundo para se adequar à humanidade, mas para adequar a humanidade a Ele; restaurá-la. A partir de si, pois Ele é o arquétipo da humanidade, é o seu modelo e referencial. Ele não se fez homem em vista da criação, mas sim todo “[...] o caráter da criação foi determinado pelo fato de que Deus estava para se tornar humano e morar entre sua criação.” (MERTON, 2006, p. 68)

Cristo vem para colocar a criação novamente no rumo de sua vocação. Ele reaproxima a humanidade que estava distante de Deus, devido à queda de Adão.

Ao distanciar-se de Deus, o homem distancia-se de sua própria humanidade, pois a realização dela está em seu Criador, e não fora d’Ele.

---

<sup>10</sup> Humanização é o termo utilizado para descrever a aquisição ou assimilação de características humanas positivas por uma pessoa ou grupo de pessoas.

A referência da criação é o Cristo, o Verbo encarnado, a humanização do homem se dá no Cristo, é Nele que o homem se aproxima de sua autêntica humanidade, pois se, “[...] todas as coisas foram criadas em Cristo e estão, portanto, contidas de certa forma Nele, com mais razão está contida e incluída Nele a humanidade.” (MERTON, 2006, p. 68)

O Verbo encarnado revela em si a dignidade da humanidade, e mostra que essa mesma humanidade, ora distanciada da divindade, Nele se aproxima de forma nova, e até mesmo definitiva, pois em Cristo acontece a união perfeita entre o humano e o divino. O Verbo mostra também que o homem em virtude de sua criação é aberto ao transcendente, e que não é no desprezo do humano que se chega ao divino, mas sim que o humano é porta para o divino.

Em Jesus a humanidade é promovida, pois se conhece Deus a partir do homem-Jesus. Ele revelou a divindade; na autêntica vivência da humanidade. Diante da humanidade de Jesus o homem descobre não somente Deus, mas sim, que Deus é sua origem, e própria identidade. De acordo com Leonardo Boff, “[...] O homem em sua radicalidade e sua verdadeira humanidade, nós, cristãos, aprendemos meditando a vida humana de Jesus Cristo.” (BOFF, 1977, p. 195)

É em Jesus que o homem descobre a verdadeira autenticidade da humanidade, no Verbo encarnado, Jesus Cristo, ele é verdadeiramente humanizado, pois Deus ao encarnar-se mostra-lhe a sua potencialidade, bem como as suas fragilidades, e mostra-lhe como ser realmente homem em sua essência, em Cristo a humanidade se descobre, pois, Ele é o revelador não apenas de Deus, mas também de todo ser humano.

#### 4.1.1 O Verbo Encarnado e a Divinização do Homem

No primeiro capítulo trabalhei o tema do homem *Imago Dei*, o homem como ícone de Deus, imagem e semelhança de seu Criador e também a queda do homem, que o distancia de seu Criador, e de si mesmo. Após a queda, o homem foi punido com a expulsão do paraíso e a perda de sua profunda amizade com Deus, mas o problema real não está na tentativa do homem de, “[...] tornar-se como Deus,

e sim como tal processo se dá.” (TENACE, 2005, p. 29). O problema está no homem tentar alcançar a divinização com suas próprias forças, desobedecendo ao seu criador e querendo estar em pé de igualdade com Deus.

Irineu de Lião em seu livro intitulado *Contra as Heresias* adverte a soberba do homem de pensar que é naturalmente igual a Deus:

“[...] não abandone a verdade por causa da presunção, como se fosse naturalmente semelhante a Deus. Este orgulho tornando-o ingrato para com seu Criador impedia-o de ver o amor que era objeto por parte de Deus, obscurecia-lhe a mente impedindo-o de ter pensamentos dignos de Deus e leva-o a comparar-se com Deus e a julgar-se-lhe igual.” (IRINEU, 1995, p. 339)

A capacidade de divinização do homem não acontece por ação de suas forças, ou por seus próprios méritos, mas pela ação da graça do próprio Deus, pelo amor que o Criador tem pela sua criatura.

O homem precisa de Deus para realizar-se por completo e para alcançar a sua vocação divina. A realização desta vocação se dá no Cristo. É pelos méritos Dele que o homem é divinizado. “A relação com Deus e a nossa capacidade de conhecê-lo e amá-lo realizam-se com a mediação de Jesus.” (LADÁRIA, 2002, p. 57)

A encarnação gera no homem a verdadeira divinização, “[...] Cristo revela a verdadeira essência do homem.” (LADÁRIA, 2002, p. 64)

Falar na divinização do homem é falar da iniciativa amorosa de Deus, “O homem tem por destino a divindade segundo a iniciativa de Deus.” (TENACE, 2005, p. 53), e a encarnação é a iniciativa de Deus, que confere ao homem a sua divinização. O “[...] Verbo de Deus se fez homem para que o homem se tornasse deus [...]” (TENACE apud ATANÁSIO, p. 56). “[...] a finalidade da encarnação é, precisamente, a divinização do homem.” (LADÁRIA, 2002, p. 120)

O homem pelo pecado perdeu a intimidade com Deus, e sua capacidade de conhecê-lo ficou fragilizada. Percebemos na intuição bíblica que, após a queda, o “[...] homem não tinha necessidade somente de um modelo, mas necessitava de um salvador que comunicasse a vida, a verdade, e fosse ele próprio o caminho.” (TENACE, 2005, p. 67) “A divinização está relacionada com a regeneração batismal,

com a nova situação que o homem vive pela fé em Jesus, o Filho encarnado.” (LADÁRIA, 2002, p. 64)

O homem que fora distanciado de Deus, em virtude da escolha do primeiro homem Adão, na encarnação vive o retorno a Deus seu Criador.

Cristo é o intermediário entre o homem e Deus, somente Nele que o homem vive a possibilidade do retorno ao profundo relacionamento com Deus, que conduz a sua vocação divina. “A encarnação não é somente libertação do pecado, mas, renovação total do homem, e a divinização da nossa natureza [...]” (TENACE, 2005, p. 68)

A divinização do homem não é proveniente dos seus méritos próprios, mas também não exclui uma resposta livre do mesmo à iniciativa divina. A “[...] divinização é obra do dom de Deus no homem, obra da resposta do homem ao dom de Deus.” (TENACE, 2005, p. 70). O homem é convidado por Deus a corresponder a sua iniciativa amorosa. “[...] Deus se fez homem, para reconduzir todos os homens à sua vocação divina.” (TENACE, 2005, p. 71)

#### 4.1.2 A Divinização No Verbo Nossa Filiação

A divinização que o Verbo gera no homem não faz com que o homem seja deus como Deus, mas, leva o homem a participar de sua divindade. O homem se torna divino, na comunicação de Deus, que ocorre na encarnação do Verbo. O Verbo encarnado “[...] pode nos comunicar a vida de Deus [...]” (SESBOÛÉ, 2002, p. 293), e é neste sentido que somos divinizados, na auto-comunicação de Deus a nós. A encarnação é ação salvífica, e essa ação leva o homem a uma proximidade com Deus até então não vivida, pois o relato bíblico da criação apresenta o homem como criatura, uma criatura que tem seu destaque na obra da criação. Na encarnação vemos uma mudança radical, Deus aprimora a sua obra e eleva a humanidade a uma dignidade até então inimaginável.

A partir da encarnação o homem não é apenas criatura, pois sua humanidade assumida por Deus é elevada a filiação; na encarnação a humanidade é de tal forma assumida que Deus lhe comunica a filiação divina, que se dá pelo intermédio do

Cristo Verbo encarnado. A “[...] razão pela qual o Verbo se fez homem e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o homem, unindo-se ao Verbo e recebendo assim a filiação adotiva, se torne filho de Deus.” (SESBOÛÉ, 2002, p. 293)

A “[...] filiação divina pode ser definida como a participação do homem, em virtude do Espírito Santo, naquela única e irrepetível relação que Jesus tem com o Pai.” (LADÁRIA, 2002, p. 122) O homem por iniciativa de Deus, que age pela força de seu Espírito Santo, torna-se participante da divindade de Deus, do relacionamento existente na própria trindade, pois a “[...] vida na graça é a vida na participação do mistério do Deus Trino, para a nossa conformidade a Jesus.” (LADÁRIA, 2002, p. 123)

Não podemos entender a filiação divina como os gregos a compreenderam em sua mitologia, e acabaram, “[...] dando-lhe um significado grosseiramente biologista.” (LA PEÑA, 1997, p. 350) a relação Pai-filho que nos apresentam os textos bíblicos não se refere primeiramente a nós, mas ela só é possível por Cristo, pois, ele é “[...] o Filho por antonomásia, cuja filiação se baseia na geração e na conseqüente participação de natureza.” (LA PEÑA, 1997, p. 350) Apenas Jesus é gerado do Pai, e consubstancial a Ele. Nós só podemos alcançar a filiação divina em Cristo, Paulo nos mostra essa realidade em sua carta aos Gálatas: “Mas ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à lei, para que nos seja dado ser filhos adotivos.” (cf. Gl 4,4-5).

A salvação do homem para qual a encarnação está orientada é aqui expressa por Paulo em termos de filiação adotiva, pois só somos filhos no Filho, que nos agrega a Ele, para Paulo filiação adotiva vai além do que é usado geralmente:

“[...] no uso paulino, seu conteúdo ultrapassa o aspecto puramente jurídico da adoção para sugerir uma conotação ontológica; [...], com efeito, parte da eleição divina [...], que é sempre criadora de novidade, [...], da direito à herança dos bens divinos.” (LA PEÑA, 1997, p. 352)

O humano é assumido pelo divino, de forma que acontece a auto-comunicação de Deus, fazendo com que o homem possa participar mesmo diante de sua limitação, da divindade de Deus.

Mesmo participando da divindade de Deus, o homem não deixa suas limitações, Queiruga nos afirma isso com as seguintes palavras: “[...] nem sequer quando assumida por Deus, nossa finitude pode deixar de sentir o cinturão de ferro da limitação [...]” (QUEIRUGA, 2005, p. 129).

Jesus assumindo nossa humanidade nos faz participantes de sua divindade, esta ação não é externa a nós, mas sim, vai ao mais profundo do ser humano, respeitando sua fragilidade, mas ainda sim, nos tornando filhos de Deus.

#### 4.1.3 Morte e Ressurreição Ápice da Humanização e Divinização

O ato da encarnação que gera no homem sua humanização e divinização tem seu ápice na paixão, morte e ressurreição do Verbo. É nesta passagem que o Verbo conduz a humanidade em definitivo para a sua meta, que é a plena intimidade com Deus.

Cristo rompe com os limites humanos ao assumi-los na encarnação, o homem até então era entregue ao pecado e à morte, ao distanciamento de Deus na perda da amizade após a queda de Adão. O Verbo encarnado é o único capaz de romper com as barreiras impostas pela queda do homem, que havia sido entregue a própria sorte. O homem por si não poderia romper com esse limite, como também não poderia viver e alcançar a divinização e humanização necessárias para a sua realização. Somente o Verbo é “[...] capaz de romper a tremenda corrente da impotência humana.” (QUEIRUGA, 1999, p. 173)

A humanidade não está mais entregue ao destino imposto pela queda, não há apenas uma ruptura, mas a transformação da realidade humana. O “[...] ser humano “torna-se deus”, porque realmente transforma-se e ultrapassa a si mesmo apropriando-se do destino de Cristo.” (QUEIRUGA, 1999, p. 174) A humanidade, a partir da encarnação, é reconduzida por Cristo ao seu ponto de origem. Na encarnação, Cristo manifesta-se como o centro de toda a humanidade, não somos mais entregues ao destino de Adão, mas sim ao destino do Verbo encarnado, “[...] tudo o que Cristo vive e tudo o que sucede nele não vale somente para ele, mas também para o ser humano.” (QUEIRUGA, 1999, p. 174)

Com a exceção do pecado, Jesus viveu todas as realidades do ser humano, pois se Ele “[...] não tivesse assumido alguma parte, algum constitutivo do ser humano, essa parte não teria sido redimida.” (QUEIRUGA, 1999, p. 176) Desta forma não alcançaríamos nem a humanização e nem a divinização geradas na encarnação.

Jesus transforma o que até então era sem sentido, em sentido verdadeiro para o homem. A morte era o fim último do homem, mas quando Cristo passa pela morte faz com que ela não seja mais o fim, e sim o começo de uma nova vida. Se “[...] Jesus não tivesse morrido, não poderíamos morrer, convertendo a morte num ato repleto de sentido.” (QUEIRUGA, 1999, p. 176). Cristo viveu a morte, mas a venceu, de tal forma que a morte não tem mais a última palavra: “Com efeito, nós sabemos: ressuscitado de entre os mortos, Cristo não morre mais; a morte não tem mais domínio sobre ele.” (cf. Rm 6,9). Jesus não pára na morte, não é vencido por ela, pois se ele morresse e não ressuscitasse seria encerrado o processo de humanização e divinização gerado pela encarnação. A morte seria o fim do homem, mas se em Adão a humanidade recebe a morte “[...] em Cristo todos receberão a vida.” (cf. I Cor 15,21).

Cristo carrega consigo toda a humanidade, Ele atravessa a morte, Nele se concretiza o que há de acontecer com a humanidade, é Nele que se realiza o processo de humanização e divinização que vai acontecer em nós.

O Verbo encarnado “[...] através de seu amor sem reservas, de sua entrega absoluta, rompeu em sua carne o poder do pecado, eliminando as próprias amarras da finitude.” (QUEIRUGA, 1999, p. 194).

A libertação do homem em Cristo, e a elevação da humanidade não significa dizer que a dor não faça mais parte da vida do homem, pois a “[...] dor não nos é suprimida, não somos libertados da tentação, nem livrados da morte, pois nada foi poupado a Jesus.” (QUEIRUGA, 1999, p. 205)

O processo de humanização e divinização não se finda no aqui, no cosmos, como já disse, mas sim, na conformação total ao Cristo, de forma que a morte, não tem mais poder absoluto, e toda a dor não tem fim em si, e sim, é porta para Deus.

“A humanidade pode escapar do poder da morte, pela mediação de outro homem, Jesus, que Deus ressuscitou dos mortos para fazer de sua humanidade o fundamento de uma vida nova.” (MALDAMÉ, 2005, p. 149)

Por meio do Verbo encarnado que morre e ressuscita, o homem tem acesso definitivo à intimidade com Deus, agora o homem pode estar em definitivo com seu Criador, pois em Cristo todas as portas que até então estavam fechadas ao homem são abertas.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou mostrar que o processo de humanização e divinização é consequência da encarnação do Verbo que transforma o homem, neste processo o homem é configurado ao seu verdadeiro arquétipo o Cristo.

Jesus é o reconciliador entre o homem e Deus, o processo de humanização e divinização gerado no homem pelo Verbo encarnado, faz com que ele viva essa reconciliação, consigo e com Deus, o Verbo transforma o homem no homem pensado por Deus desde sempre.

Nós somos humanizados no Verbo, que é o verdadeiro homem, Ele viveu toda a nossa humanidade, com exceção do pecado Jesus viveu de forma profunda a humanidade. Cristo viveu tudo o que o homem vive, para que o mesmo pudesse ter acesso definitivo a Deus, Ele revela não somente o rosto amoroso de Deus, mas também o verdadeiro rosto da humanidade, o que é ser humano em sua verdadeira autenticidade. Em Cristo se manifesta a dignidade humana, pois N'ele, o homem não é apenas criatura, mas sim, filho, e essa filiação só pode acontecer através de Cristo.

No tornar-se filho, acontece a auto-comunicação de Deus, o homem é verdadeiramente divinizado, pois passa a ser participante da divindade, não por seus méritos, mas sim pela graça de Cristo, o homem precisa abrir-se ao Verbo encarnado para viver esse processo de transformação.

A divinização e humanização geradas por Cristo Verbo encarnado em nós, não se finda aqui no já, mas sim é o início, pois ela se realiza da mesma forma que Cristo realizou a vontade do Pai, no viver a nossa morte e ressurreição Nele.

A nossa divinização não é como a tentativa de Adão e Eva, que buscaram ocupar o lugar de Deus, diante da tentação da serpente “sereis como Deus” (cf. Gn 3, 5), mas sim a união com Deus, que não é por méritos humanos, mas sim é graça, é a resposta de um Deus amoroso a sua criatura.

A divinização do homem não se dá em tomar o lugar de Deus, mas em participar da divindade de Deus, por meio da auto-comunicação de Deus, passando assim a viver de forma definitiva com Deus, nesta participação o homem vive a total

conformação com Cristo o Verbo encarnado, pois Ele é o verdadeiro e único arquétipo de toda a humanidade, o destino de Cristo torna-se o destino da humanidade, o homem passa a ser humanizado e divinizado no Cristo.

Na encarnação Deus aproxima o que estava distanciado, o humano e o divino, a salvação se dá nesta perfeita união, só em Cristo que o homem pode viver este processo restaurador.

Cristo é não somente o mediador entre o homem e Deus, mas é o destino de toda a humanidade, o homem se encontra verdadeiramente em Cristo, ele é a verdadeira imagem da humanidade e de Deus, pois “Ele é a imagem do Deus invisível, primogênito de toda a criatura” (Cl 1,15).

O presente trabalho ressaltou a dificuldade dos primeiros cristãos em aceitarem que o Verbo encarnado era homem e Deus, os concílios levaram a uma compreensão mais profunda e verdadeira à respeito da união hipostática, mas ainda nos tempos atuais vamos perceber a dificuldade que muitos cristãos tem compreender o valor positivo da natureza humana, valor esse que a encarnação nos ajuda a perceber, não sendo assim necessário desvalorizar o humano para valorizar o divino, pois a encarnação torna o humano caminho para se chegar à Deus. Um futuro trabalho poderá nos levar à perceber de forma mais clara a dificuldade de muitas espiritualidades principalmente no Brasil em valorizarem o humano sem o medo de deixar de lado o divino, e perceber na humanidade bem vivida a possibilidade de acesso à Deus.

Por tanto o homem só será profundamente humano aproximando-se do Divino, e a divinização ou santificação no homem não o desumaniza, mas sim potencializa a sua humanidade, tornando-o aquilo que Deus em seu amor deseja de cada pessoa humana “ que os homens tenham vida e a tenham em abundância.” (João 10,10).

**REFERENCIAS**

*COMPÊNDIO DO VATICANO II*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ETCHEGARY, Roger. *Jesus Cristo: ontem, hoje e sempre*. Tradução de Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 1996.

BÍBLIA TEB TRADUÇÃO ECUMÊNICA. 2. impr. São Paulo: Edições Loyola, 1995.  
(Direção: Gabriel C. Galache)

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia critica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito Santo*. Tradução Euclides Martins Balacin. São Paulo: Paulinas, 2005.

DENZINGER, Hünemann. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007.

DUPUIS, Jacques. *Introdução à Cristologia*. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999

IRINEU, Santo. *Contra as heresias*. Tradução Lourenço Costa. São Paulo: Paullus. 1995.

LA PEÑA, Juan Luiz Ruiz. *O dom de Deus: Antropologia teológica*. Tradução de Nancy Barros de C. Faria. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Criação graça e salvação*. Tradução de João Paixão Neto. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *Teologia da Criação*. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

QUEIRUGA, André Torres. *Recuperar a Criação*: por uma religião humanizadora. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paullus, 1999.

\_\_\_\_\_. André Torres. *Recuperar a Salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã. Tradução Afonso Maria Ligório Soares. São Paulo: Paullus 1999.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé*: introdução ao conceito de cristianismo. Tradução Alberto Costa; revisão Edson Gracindo. São Paulo: Paullus, 1989.

RÚBIO, Afonso Rúbio. *Elementos de Antropologia teológica*: salvação cristã: salvos de que e pra que? Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Unidade na pluralidade: o ser humano a luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RUPNIK, Marko Ivan. *Para uma antropologia de comunhão: pessoa, cultura da Páscoa*. Tradução de Antonio Agonose. Bauru, SP: Edusc, 2005. V. I

SESBOÜÉ, Bernard. *História dos dogmas: o Deus da salvação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 2002. V. I

\_\_\_\_\_. *História dos dogmas: o homem e sua salvação*. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2003. V. II

TENACE, Micheline. *Para uma antropologia de comunhão: da imagem à semelhança: salvação como divinização*. Tradução Claudio Antonio Pedrini. Bauru SP: Edusc, 2005. V. II